

- 9 Mas não morri... Morreu-me o vaso impuro...
E, distante da carne transitória,
Colho o passado e planto o meu futuro.

- Nem mistério, nem cinza à nossa frente...
Apenas o homem louco de vanglória
14 Procurando enganar-se inútilmente.



carioca A *Semana* foi crítico literário ao tempo de Adelino Magalhães. De 1930 até à sua desencarnação, viveu no Rio de Janeiro, advogando no foro. (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, 26 de Setembro de 1893 — Rio de Janeiro, Gb, 1 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Folhas*, versos; *Hora Azul*, conferência; *Elogio das Cores*, idem; etc.

5. Aliteração em *d*.

8. Suarabácti: "e-ni-g-ma". Cf. nota 1, pág. 47.

9. *morri... Morreu-me...*: Poliptoto.

14. Para que possamos entender-lhe o soneto, transcrevamos apenas o último terceto de "Perante a Dúvida", que o poeta escreveu, tempos antes de se suicidar:

"Mas do termo final já não me iludo...
— Basta a triste certeza de ser nada,
Basta a vaga esperança de ser tudo."

(*Apud Col. Poetas Sul-Riogr.*, pág. 283.)

AFONSO CELSO de Assis Figueiredo Júnior *



ESPLENDORES

- Além, a luz do espaço se esfacela
2 Em explosões de sons e cores raras,
Tecendo o amor e a glória nas searas
Da vida universal sublime, bela...

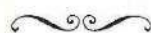
Brilham, depois do azul que o céu revela,
Astros em bando, iguais longas aparas
De altas constelações, em formas claras:
Sóis pendendo de vasta passarela...

(*) Poeta, romancista, historiador, jornalista, dramaturgo e orador consumado. Doutorou-se Afonso Celso na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1881. Professor e diretor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Reitor da Universidade do Brasil. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 36. Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa. Colaborou em muitos jornais e revistas de S. Paulo e do Rio, principalmente no *Jornal do Brasil* desta última

O homem fita espantado as nebulosas
Bailando em formações maravilhosas,
E vê-se um verme à frente do Destino...

Ante o excelso esplendor finda-se o engano...

- 13 Como se faz pequeno o orgulho humano!
Como se torna imenso o Amor Divino!



OSCAR Amadeu LOPES Ferreira *



SERENIDADE

- Mostras gesto revoltado, olhar assustadiço,
2 Trazes velha aflição que a tudo atinge e invade,
Caminhas torturando o mundo em desserviço,
Gerando agitação, desânimo, ansiedade...

Dissipas vida, carne e tempo em reboliço.
Asserena-te, espera!... Assim qual és, quem há-de
Aconselhar-te, irmão, a que te deixes disso,
Se não sentes, sequer, a própria realidade?

(*) Bacharel em Direito, poeta, jornalista, cronista, contista, dramaturgo e conferencista, Oscar Lopes foi o primeiro presidente efetivo da Sociedade dos Homens de Letras, no Rio de Janeiro. Nessa cidade viveu desde a meninice, e aí iniciou e concluiu a sua formação literária. Foi redator da *Gazeta de Notícias* e do *Brasil*, cuja seção literária e artística lhe cabia, e ainda colaborou em *O Paiz*, no *Kosmos*, na *Renascença* e outras publicações da então Capital Federal. «Como cultor das

cidade. Veio a ser presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Possuía numerosos títulos honoríficos. Foi um dos primeiros esperantistas no Brasil. A sua musa era natural e espontânea, clara e simples. Rodrigo Octávio Filho, à beira do túmulo do grande brasileiro, afirmou: «Afonso Celso foi poeta, e emocionou. Foi mestre, e ensinou. Foi patriota, e pregou.» (Apud *Homenagem à memória do Conde Affonso Celso*, pág. 35.) (Ouro Preto, Minas Gerais, 31 de Março de 1860 — Rio de Janeiro, Gb, 11 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Prelúdios*; *Devaneios*; *Telas Sonantes*; etc.

2. Observe-se a aliteração em s.
13. Antítese.